

Quão cortês é você? O pronome de tratamento você em Português Europeu

How polite is você ('you')? The pronoun of address você in European Portuguese

Recebido em 05 de setembro de 2015. | Aprovado em 11 de dezembro de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i2.193>

Ana Rita Bruno Guilherme¹
V́ctor Lara Bermejo²

Resumo: O pronome *você* na variedade europeia do português tem um comportamento discursivo muito complexo. Este facto faz com que os diferentes autores que se dedicaram a analisar os usos deste pronome não concordem com o seu valor real e atual. Embora o Português Brasileiro tenha especializado *você* como pronome familiar, substituindo em ocasiões *tu*, o caso europeu apresenta contextos de uso de *você* aparentemente contraditórios: tratamento informal, tratamento formal e, até um determinado ponto, tratamento pejorativo. Este trabalho pretende refletir sobre o uso de *você* em Português Europeu, sobre uma perspetiva diacrónica e à luz da pragmática da cortesia. Para tal, extraímos dados de três diversos *corpora* que revelam o uso real de *você* ao longo do século XX, já que é a partir do XIX que *você* se especializa, em princípio, para a informalidade. Os resultados mostram um uso pouco expressivo deste pronome de tratamento e uma certa polivalência do mesmo, como efeito da paulatina marginalização que tem experimentado desde há mais de cem anos.

Palavras-chave: formas de tratamento; português europeu; cortesia; *você*; diacronia.

Abstract: The pronoun *você* in European Portuguese has a very complex discursive behaviour. This fact has made different authors that analyzed the usage of this pronoun to disagree on its real and current value. Although the Brazilian Portuguese has specialized *você* as an informal pronoun, occasionally replacing *tu*, the European case presents contexts of usage of *você* that are apparently contradictory: informal address, formal address and to a certain extent pejorative address. This work aims to reflect on the usage of this pronoun in European Portuguese, from a diachronic perspective and in the light of the politeness principles. In order to do that we have obtained data from three different *corpora* that replicate the real usage of *você* throughout the 20th century, since it is from the 19th century that *você*, in principle, starts specializing as an informal pronoun. The results show an inexpressive usage of this politeness form and a certain polyvalence of it, as the effect of a gradual marginalisation that it has experienced for over one hundred years.

Keywords: forms of address; European Portuguese; politeness; *você*; diachrony.

¹ Doutoranda em Linguística, Universidade Nova de Lisboa, Portugal. anabrugui@gmail.com.

² Doutor em Linguística, Universidade Autónoma de Madrid, Espanha. Professor da Universität Bern, Suíça. viktoresc@hotmail.com.

Introdução

O sistema de formas de tratamento em Português Europeu é reconhecidamente complexo (CINTRA, 1986; GOUVEIA, 2005; FARIA, 2009; e.o.). Tal complexidade é ainda mais notória quando se pretende ensinar a língua, quer a falantes nativos quer a estrangeiros (DUARTE, 2010, p. 133). Diversos manuais de Português para Estrangeiros observam que o uso explícito do pronome *você* expressa cortesia, já outros indicam que expressões nominais como *o senhor* se adequam a situações comunicativas de maior formalidade mas sem tecerem nenhum comentário ou recomendação em relação ao uso de *você*, e outros ainda aconselham a não se utilizar expressamente este pronome em contextos mais formais. Além das descrições e comentários sobre o uso explícito de *você*, parece existir um sentimento generalizado entre os falantes de português de que o uso deste pronome não veicula necessariamente um valor de cortesia. Por outras palavras, a aceitabilidade do uso de *você* pelos falantes está longe de ser incontestável.

É, neste sentido, propósito deste trabalho avançar com possíveis respostas à pergunta que intitula o mesmo – quão cortês é você? Tais respostas serão contextualizadas à luz da teoria da cortesia e também através da análise de dados históricos, apoiada por uma resenha sobre o desenvolvimento de *você* como pronome de tratamento em Português Europeu. Pretendemos que este trabalho conduza a um melhor entendimento sobre o uso de *você* em Português Europeu como forma de tratamento, e tal entendimento passará por tentar perceber mais claramente o uso efetivo deste pronome na variedade europeia do português e porque é que este pronome é, em parte, avaliado como pouco cortês (e mesmo, até certo ponto, descortês?).

Este artigo está estruturado em seis partes. Na primeira parte, apresentamos um breve percurso histórico de *você*; na segunda parte, através do que é descrito na literatura e nos manuais de português como língua estrangeira, centramo-nos nos valores pragmáticos de *você* em Português Europeu contemporâneo; na terceira secção delinearemos o quadro teórico que enquadra este trabalho; o quarto ponto respeita à metodologia adotada e à descrição dos *corpora* com os quais trabalhamos; na quinta parte, analisamos os dados extraídos desses *corpora* e, finalmente, no sexto ponto propomos uma análise qualitativa apoiada na teoria pragmática e da cortesia.

1. Uma breve história de *você*

A divisão do Império Romano em dois (oriental e ocidental) conduziu ao sistema de formas de tratamento que as línguas românicas herdaram do latim (CHÂTELAIN, 1880). Assim, o português herdou o sistema de formas de tratamento do latim tardio – *tu* e *uos* (FARACO, 1996). O pronome *tu* era usado em contextos comunicativos mais informais e *vós* era utilizado, para um interlocutor singular³, como forma de cortesia, e era igualmente usado para vários interlocutores, como tratamento familiar, e sem nenhum traço de cortesia (CINTRA, 1986; FARACO, 1996). Todavia, a partir do século XIV, e com maior relevância no século XVI, o português sofre profundas mudanças no paradigma de formas de tratamento (BECHARA, 1991; FARACO, 1996). A emergência da burguesia, que gradualmente assume o poder antes detido pela aristocracia, o crescimento de cidades como Lisboa e o fluxo de riqueza resultante de conquistas além-mar (entre outros motivos) provocaram alterações nas estruturas sociais (FARACO, 1996). A corte enriqueceu e tornou-se mais socialmente estratificada e vincada, e por isso mesmo mais rígida. Tais mudanças sociais alavancaram a emergência de novas formas de tratamento (FARACO, 1996). É neste contexto que surgem expressões nominais como *Vossa Mercê*, a forma original por detrás de *você*.

Vós era a forma preferida para endereçar o rei (LOPES, 2003; MENON, 2006), no entanto, tornou-se insuficientemente diferenciadora. Subsequentemente, o rei passa a ser dirigido por *Vossa Mercê* mas muito rapidamente (século XV) esta expressão espalha-se a outras classes sociais. No século XVI, *Vossa Mercê* começa a perder o seu valor reverencial e inicia o seu processo de gramaticalização (FARACO, 1996). Durante os séculos XVIII e XIX *você* está muito generalizado na sociedade e o processo de gramaticalização completa-se.

Uma das consequências das várias mudanças no sistema de tratamento em português é a perda de *vós* como pronome de tratamento, tornando-se mesmo pouco polido, a partir do século XVIII, de acordo com Cintra (1986, p. 29). *Vós* desaparece do paradigma formal de tratamento na variedade padrão, mas preserva-se em certas

³ O uso de *vós* - i.e. 2ª pessoa do plural - para um interlocutor singular relaciona-se com a divisão do império romano em dois. Embora cada império (e até certo ponto cada imperador) fosse independente *de facto*, quando se endereçava ao imperador utilizava-se o pronome plural *vos* como símbolo de pluralidade, ou seja, de poder (cf. BROWN; GILMAN, 1960).

áreas do norte do país como pronome familiar (CINTRA, 1986). O pronome *tu* manteve o seu lugar no sistema de intimidade e o pronome *você*, como mencionado, ainda que seja considerado como uma forma mais do eixo da formalidade, a literatura (e os dados) parecem apontar para uma indeterminação no que respeita aos verdadeiros valores veiculados por este pronome.

2. Você em Português Europeu contemporâneo

Como referimos, o português europeu desenvolveu novas formas no sistema de tratamento, muito diferentes daquelas existentes há vários séculos atrás. *Vós* fora substituído pelo pronome plural *vocês*, tornando-se a forma não marcada para a segunda pessoa do plural (2pl) (cf. quadro 01).

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
formalidade	Vossa mercê – Você [Você] – Vós	Vossas mercês – Vocês – Vós
informalidade	Tu	Vossas mercês – Vocês – Vós

Quadro 01. Sistema de segunda pessoa (variedade padrão até ao século XVIII).

Todavia, o uso explícito de *você* é, atualmente, avaliado como desajustado a situações mais polidas e, como tal, poderá ser apreciado negativamente (CINTRA, 1972; MENON, 2006; FARIA, 2009). Este novo valor de *você* emergiu por volta do século XIX, quando *você* e *tu* passaram a ter praticamente o mesmo valor, passando ambos a ser utilizados para contextos informais ou semi-informais. A inexistência de formas de tratamento que não fossem de certo modo ambíguas, como o *você*, para situações de maior polidez e para um interlocutor individual fez com que emergissem novas estruturas de cortesia. Estas formas, na sua maioria estruturas nominais, existem até ao momento e são amplamente utilizadas, sendo formas como *o senhor/a senhora* as mais comuns (cf. quadro 02).

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
formalidade	O senhor / A senhora	Os senhores / As senhoras Vocês
não íntimo	Você	Vocês
informalidade	Tu	Vocês

Quadro 02. Sistema de tratamento em Português (atualmente), adaptado de Cintra (1986)⁴.

Como é possível observar a partir do quadro 02, Cintra (1986) divide o sistema atual de tratamento em três níveis, de acordo com a relação social dos participantes. O pronome *você* encontra-se num lugar intermédio, num patamar complexo e único, já que pode ser utilizado, segundo aquele autor, para situações de tratamento entre iguais mas sem intimidade, e, quando usado entre participantes com diferentes posições sociais, ajusta-se de superior para inferior hierárquico, todavia não o oposto. Cunha e Cintra (1992) reiteram esta posição em relação aos usos de *você*. A utilização deste pronome também se verifica em contextos cujo parâmetro não é de superioridade social mas o oposto, isto é, de inferior para superior. Um desses contextos verifica-se, de acordo com Faria (2009, p. 46), de filhos para pais, por exemplo. Aliás, é um cenário comum em zonas mais interiores do país (zonas do sul) e é neste contexto que se atestam precisamente formas mais antigas deste pronome – *vossemecê*-, e que testemunham um estágio intermédio da redução fonológica associado ao processo de gramaticalização ocorrido.

⁴ A expressão de tratamento *o senhor/a senhora* é apenas umas das múltiplas formas (a mais comum) de que o português dispõe para contextos de maior formalidade. Outras formas estão relacionadas com o título profissional – *senhor Doutor* ou *senhor Engenheiro*, *Professor* – ou, por exemplo, com relações familiares – *o pai*, *a avó*. Para as formas nominais que fazem parte do sistema de cortesia em português cf. Cintra (1986).

Todavia, a utilização deste pronome neste contexto específico – de inferior para superior – é frequentemente reputada como pejorativa (FARIA, 2009, p. 47). Aliás, e seguindo ainda Faria (2009, p. 47) e também Carreira (2003), o pronome é evitado por muitos falantes precisamente pelo caráter indelicado que veicula, optando-se por usos verbais de sujeito nulo (3ª pessoa verbal: 3sg).

De acordo com Vázquez Cuesta e Luz (1971), o uso de *você* era já evitado nos séculos XVII e XVIII e, segundo uma investigação realizada por estas autoras, o pronome era utilizado principalmente como forma de tratamento familiar entre amigos, mesmo na alta burguesia, sem ainda nenhuma conotação pejorativa. Esta utilização do pronome por determinados grupos sociais (elevados) como forma de tratamento íntimo mantém-se ainda hoje (CINTRA, 1986; FARIA, 2009). Tal situação é similar ao *vous* francês: «*vous* had bourgeois connotations: in upper class families, children might use *vous* to address their parents who might use *vous* too» (*vous* tinha conotações burguesas: nas famílias de classe elevada, os filhos usavam *vous* para se dirigirem aos pais, quem usavam também *vous*) (CLYNE *et al*, 2009, p. 4).

Faria (2009, p. 44) observa que *você* aparenta ser uma «forma neutra quando utilizada pela publicidade e pelos meios de comunicação social, que se querem dirigir ao público em geral, indiferenciado (...)». É a esta neutralidade que aparenta referir-se Cintra (1986) quando o coloca num patamar intermédio no sistema português de tratamento (FARIA, 2009). Esta neutralidade conferida ao pronome, para situações comunicativas em que os intervenientes não partilham de grande intimidade, é também reiterada por outros autores (cf. VÁZQUEZ CUESTA; LUZ, 1971; TEYSSIER, 1989). No entanto, este valor neutro parece, de acordo com Faria (2009, p. 48), relacionar-se acima de tudo com a possibilidade de omissão do pronome *você* (ou do sujeito) e na exclusiva utilização da forma verbal de 3sg. Assim, usos de formas verbais de 3sg poderão ser entendidos como formas não marcadas de cortesia ao passo que «a forma marcada será a forma *tu* e segunda pessoa *pro-drop*» (FARIA, 2009, p. 50).

Outros aspeto que aparenta ser consensual é a ideia de que são as formas nominais (*o senhor, a senhora*) que melhor se ajustam a situações mais corteses (VÁZQUEZ CUESTA; LUZ, 1971; CINTRA, 1986; FARIA, 2009; e.o.).

Você no ensino de Português para estrangeiros

Como observámos na secção anterior, os critérios que definem quando se deve utilizar (e se se deve de facto utilizar) *você*, como forma de tratamento, são muito imprecisos. Não obstante, os manuais de Português para estrangeiros⁵ não são consensuais no que respeita à descrição dos usos deste pronome em português. Assim, a maioria de tais manuais indica que *você* é o pronome adequado a situações comunicativas mais formais; outros⁶ observam que grupos nominais como *o senhor* são mais respeitosos mas não clarificam quanto aos usos de *você*; e, outros ainda⁷ sublinham que existe uma diferença entre *você* e *o senhor*. De acordo com estes últimos manuais, *você* é um pronome cujo uso é bastante complexo e, como tal, deverá ser evitado. Aconselham a utilização de estruturas como *o senhor/a senhora*. Esta disparidade de descrições presente nos diversos manuais sublinha precisamente o caráter complexo de *você*, e tal complexidade torna-se ainda mais evidente quando se precisa de ensinar os usos deste pronome a falantes de outras línguas (DUARTE, 2010).

Em suma, hoje em dia, *você* apresenta-se como um pronome de tratamento algo heterogéneo quanto aos valores que veicula. Isto porque, e seguindo nisto Faria (2009), os parâmetros que definem a seleção desta forma de tratamento estão pouco fixados entre os falantes: assim, é um pronome frequente entre participantes com relações de poder muito assimétricas – quem detém o poder poderá interpelar o outro, que está numa posição inferior em tal relação, recorrendo a este pronome mas ao contrário não será ‘aceitável’, aliás poderá ser avaliado como ofensivo; também é uma forma de tratamento íntimo de determinados grupos sociais (elevados), mas que não iguala nem substitui o tratamento por *tu* (FARIA, 2009); e, finalmente, é um pronome frequentemente utilizado entre iguais mas que mantém uma relação de deferência. Nestes contextos, esta forma de tratamento aparenta ser neutra. Todavia, este valor neutro do pronome parece não ser assim tão claramente entendido e julgado por muitos falantes. Isto é, tal neutralidade é até certo ponto questionável por muitos, na medida em que, no momento da seleção da forma de tratamento, é comum optarem-se por outras estratégias, nomeadamente, formas verbais de 3sg (sujeito nulo) ou grupos nominais.

⁵ Os manuais de PLE mais utilizados são *Vamos lá começar, Português sem fronteiras, Comunicar em português, Entre nós, Gramática Ativa, Gramática aplicada, Português XXI e Português para todos*.

⁶ (c.f. *Português sem fronteiras, Português para todos*).

⁷ Apenas dois, de entre os manuais consultados (cf. *Vamos lá começar, Português para todos*).

Não perdendo de vista o objetivo deste trabalho – o de descrever os usos de *você* em Português Europeu, e o de lançar algumas possíveis respostas sobre as motivações que tornam este pronome pouco homogêneo quanto aos seus valores de cortesia – iremos analisar alguns dados históricos, no sentido de perceber mais claramente o uso de *você* ao longo do tempo. Tendo em mente que a forma gramaticalizada *você* apenas emerge no século XIX e passa, a partir desse momento, a ser mais difundida, fará mais sentido analisarem-se dados recolhidos a partir desse momento, com particular foco a dados respeitantes ao início do século XX.

3. A teoria da cortesia: formas de tratamento e o seu percurso histórico

O estudo das formas de tratamento constitui apenas um dos muitos fenómenos pragmáticos de que se ocupa a Teoria da Cortesia, sendo que esta se insere numa disciplina maior, a Pragmática Linguística. Os percursores de uma teoria do tratamento e de uma nomenclatura que tem permanecido até ao presente são Brown e Gilman (1960), que propuseram a distinção entre formas T (próprias da informalidade, da intimidade, da solidariedade) e V (próprias da distância e do poder). Para estes autores, as formas de tratamento são o espelho das interações sociais que se caracterizam por relações de poder e solidariedade. As iniciais T e V têm a sua origem no império romano precisamente por o pronome de solidariedade ser *tu* e o de poder ser *vos*, particularmente dirigido ao imperador, símbolo maior de poder. Muitos outros reconhecidos linguistas que trabalham nesta área, como Brown e Levinson (1987), Scollon e Scollon (2011) ou Jucker e Taavinstainen (2003), concordam com os parâmetros de poder e solidariedade, ainda que para aqueles os usos de uma forma ou uma estratégia dependerá, acima de tudo, de questões de preservação da face dos indivíduos que participem no ato comunicativo. Já para Watts (2003), as formas de tratamento e a cortesia são produto da ideologia de uma sociedade e refletem o que é politicamente correto num dado momento histórico e cultural. Watts (2003) exemplifica a sua perspetiva sobre cortesia, recorrendo à Grã-Bretanha do século XVIII.

“standard English became almost synonymous with polite English or the English of polite society [...] The concept of politeness was appropriated as the basis of a hegemonic discourse in which the ability to control a specific language variety was interpreted as providing access to high social status from which power could be exercised. Determining who was a member of ‘polite society’, however, was in the hands of those who had already gained access.” (WATTS, 2003, p. 39-40).

A cortesia na Inglaterra definia-se assim por um *je ne sais quoi*, em que os membros desta ‘polite society’ pertenciam a um grupo privilegiado, detentor do poder político, financeiro e moral do Estado (WATTS, 2003). Portanto, a cortesia relacionava-se com a perceção por parte da elite, ou seja, a detentora do poder, de como tinham de ser tratados entre eles e pelo resto das classes sociais.

Se revirmos o desenvolvimento de muitas formas de tratamento das sociedades ocidentais, que escolhem um pronome ou um sintagma nominal específico ou uma concordância em concreto para marcarem formalidade ou informalidade, observamos que a manutenção, decadência ou auge de uma forma se relaciona com essa ideologia comum a uma sociedade. Na Península Ibérica, sob o mandato de Felipe II, vigorava um sistema muito limitado de formas de tratamento numa sociedade extremamente hierarquizada que tinha perdido esses contrastes pela universalização da forma V(ós). O mesmo se verificou na Alemanha do século XVIII, quando *Eure Gnaden* (*Sie*) substituiu *ihr*, que se usava também para a informalidade (HICKEY, 2003; HOWE, 1996). Atualmente, no entanto, como constatam Paulston (1984) para a Suécia, Kocher (1967) para a ex-Jugoslávia, Benigni e Bates (1977) para Itália ou De Jonge e Nieuwenhuijsen (2012) para Espanha, o uso das formas T têm experimentado um auge vertiginoso como a melhor maneira de espelhar os valores de democracia (de comunismo para o caso da antiga Jugoslávia) e diluir ao máximo as diferenças sociais. Provavelmente poder-se-á considerar um tipo de direção da mudança pragmática que envolve as formas de tratamento, ou seja, quando uma determinada forma (quer T, quer V) passa a ser amplamente difundida pelos falantes sucede uma de duas situações: a forma propagada perde o seu valor original e adquire outro ou perde-o sem conseguir fixar-se num determinado valor, acabando por desaparecer ou tornando-se marginalizada. Para Siewierska (2004), por exemplo, há três estratégias fundamentais para marcar a *deixis* social: a terceira pessoa, a pluralidade e as formas abstratas. Head (1978) afirma que, se uma língua emprega a categoria número para a cortesia, o número não singular é o usado para um maior grau de cortesia. Além disso, se uma língua utiliza a categoria de pessoa, a terceira é a escolhida para marcar maior respeito. Se ambas estratégias se juntam, existe uma hierarquia que marca de menor a maior a distância entre os

interlocutores: 2sg > 2pl > 3sg > 3pl. A 3sg é mais formal do que a 2pl, enquanto a 3pl é a estratégia mais cortês de todas e a 2sg, a mais informal.

4. *Corpora* utilizados: ALPI, Cordial-Sin e Fly (Forgotten letters, years 1900-1974)

A linguística histórica tem, cada vez mais, beneficiado dos múltiplos avanços tecnológicos e por isso pode, atualmente, auxiliar a sua investigação recorrendo a bases de dados digitais de ampla escala. A história de *você* pode-se traçar ao longo do século XX até agora graças a várias fontes diacrónicas, retiradas de diferentes bases de dados digitais. Neste sentido, pretendemos delinear um pouco dessa história a partir de três *corpora* nos quais baseamos a nossa análise.

Atlas linguístico da Península Ibérica (ALPI)

O *Atlas linguístico da Península Ibérica (ALPI)* (cf. HEAP, 2003) foi a primeira ferramenta dialetal concebida no século passado para o espanhol, português e catalão. A metodologia deste projeto, levado a cabo entre as décadas de 1920s e 1950s, consistia na repetição, por parte dos informantes, de orações e palavras pré-estabelecidas, de acordo com as suas particularidades vernáculas. O perfil dos informantes correspondia a idosos, de meios rurais e sem escolaridade. O propósito era o de recolher qualquer fenómeno fonológico, lexical ou morfossintático das línguas da Península Ibérica (SANCHÍS GUARNIER, 1962).

Cordial-Sin

O problema do ALPI relacionava-se com a carência de espontaneidade, além do facto de ter apenas recolhido uma resposta por município. A fim de compensar as falhas que alguns questionários têm, a sociolinguística concebeu a entrevista semidirigida, para que o informante pudesse produzir uma grande quantidade de ocorrências linguísticas sem nenhum condicionamento. No caso do português europeu, contamos com o *corpus* CORDIAL-SIN⁸. Este *corpus* é constituído por extratos de discurso espontâneo e semidirigido gravado em duzentas localidades de Portugal e que foram retirados de outro projetos, nomeadamente, do ALEPG, ALLP, ALEAç e do BA. O *corpus* tem, portanto, uma representatividade geográfica relevante.

FLY – Forgotten Letters – Years 1900-1974

Por último, optámos por recolher e analisar dados de um outro *corpus* - de cartas particulares - e, nesta medida, muito diferente dos anteriores. Pretendemos, com a inclusão deste *corpus*, complementar os dados recolhidos nos dois *corpora* dialetais (o *Alpi* e o *Cordial-sin*), uma vez que estas cartas, distantes da entrevista, foram elaboradas em contextos mais informais. Relembre-se que um dos contextos possíveis para o uso de *você* é entre iguais mas com alguma deferência ou de inferior para superior, como por exemplo, de um pai para um filho (FARIA, 2009). Assim, uma análise a tais fontes também nos permite explorar um outro tipo de situação comunicativa, potencial para a emergência de *você*.

As cartas privadas foram escritas entre 1900 e 1974 e fazem parte de um arquivo de 2000 cartas, compilado pelo projeto *Fly*⁹ (*Forgotten Letters, 1900-1974*), elaborado por um grupo de investigadores do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Estes documentos foram escritos em contextos muito específicos, nomeadamente, de guerra, prisão, exílio e de emigração. Os autores e remetentes pertencem a âmbitos geográficos e sociais muito díspares. As cartas privadas, como é reconhecido, ainda que obedeçam a uma tradição discursiva, são documentos sob o ponto de vista linguístico muito relevantes devido à sua natureza tendencialmente mais espontânea. Esta particularidade faz com que estes documentos estejam mais próximos do registro oral (KOCH; OESTERREICHER, 1990). Além deste aspeto, as cartas são, como observam Jucker e Taavitsainen (2003, p. 09) 'uma forma de interação indireta entre um escritor e um interlocutor', logo constituem um ambiente propício para a emergência de segundas pessoas discursivas. Outra característica que nos parece relevante para uma análise linguística é a de que a correspondência privada isenta os autores de um certo protocolo e permite-lhes escrever com maior liberdade, abrindo o caminho a alguma variação (JUCKER; TAAVITSAINEN, 2003).

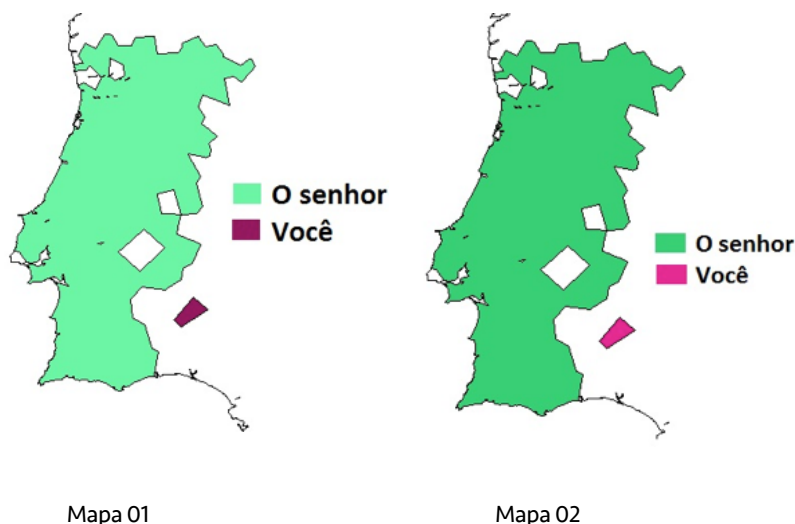
⁸ Disponível em: <<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/225-description-cordial-sin-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects>>.

⁹ Disponível em: <<http://cards-fly.clul.ul.pt/>>.

5. Você em corpora diacrônicos – descrição geral dos resultados

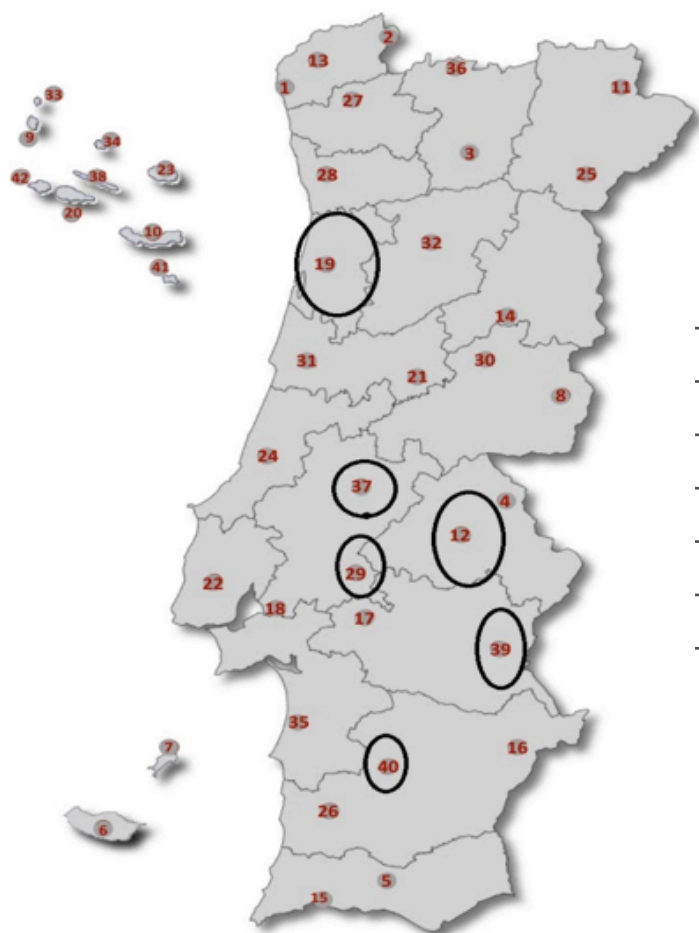
5.1 - Você nas entrevistas dialetais: ALPI e Cordial-Sin

O questionário do ALPI pré-estabelecia duas orações com referência a uma 2sg pessoa formal discursiva. Estas orações são *Póngase usted el sombrero* ('Ponha você / o senhor o chapéu') (mapa 01) e *Deme usted un pañuelo* ('Dê-me você / o senhor um lençol') (mapa 02). No caso das diferentes orações pré-estabelecidas que faziam referência a uma 2sg informal, estas não forneciam ocorrências de pronome, já que todos os informantes escolheram um sujeito nulo, mas todas as flexões verbais para contextos informais foram construídas em 2sg, ou seja, com referência *tu*.



Ambos os mapas ilustram perfeitamente a extensão do sintagma nominal *o senhor* como forma de tratamento genérico, em detrimento de *você*, que apenas foi testemunhado em Barrancos, uma vila fronteiriça caracterizada pela mistura de traços portugueses e espanhóis. Esta zona preferiu manter *você* como a forma de tratamento cortês.

No que concerne ao Cordial-sin, foram retirados todos os exemplos de *você* e das formas arcaicas *vossemecê* / *vomecê*, ou seja, formas não completamente gramaticalizadas do sintagma nominal *Vossa Mercê*. Apenas encontramos 214 ocorrências de *você* e 37 de *vossemecê* / *vomecê*, em todo o território português. Em algumas áreas, o número de exemplos não ultrapassa a unidade (por exemplo, em Guarda ou Vila Real); noutras, apenas encontramos 2 (Funchal, Angra do Heroísmo) e na zona de Lisboa só surgiram 7 ocorrências deste pronome. O mapa 03 assinala os locais com mais de 10 ocorrências - os pontos com o maior número de ocorrências estão marcados por círculos. O número exato de exemplos apresenta-se na tabela 01.



19 - Covo (Aveiro)	56 ocorrências
37 - Montalvo (Santarém)	26 ocorrências
29 - Santa Justa (Santarém)	11 ocorrências
12 - Cabeço de Vide (Portalegre)	57 ocorrências
39 - Carrapatelo (Évora)	10 ocorrências
40 - Aljustrel (Beja)	17 ocorrências

Tabela 01. Localidades e número de ocorrências de você explícito.

Mapa 03. Ocorrências de você e vomecê >10.

À primeira vista, podem-se fazer duas observações de acordo com os resultados gerais. Primeiro, metade dos locais com um número de ocorrências de *você* superior a 10 encontra-se nas áreas meridionais – Portalegre (57), Évora (10) e Beja (17), o que é esperável dado que é nas áreas do sul que se verifica uma maior expressividade deste pronome – particularmente em contextos de alguma familiaridade mas de inferior para superior (de um filho para um pai, de um neto para um avô, etc.), ou seja, em relações familiares de alguma deferência. Não obstante, o número total de ocorrências de *você* (e de *vomecê*) nesta região é, ainda assim, baixo. Em contrapartida, um lugar na região centro-norte - Covo, Aveiro - sobressai pelo número elevado de ocorrências que apresenta (57). Além destas áreas, dois outros locais no centro do país (zona de Santarém) aparentam ser ligeiramente mais produtivos a respeito da utilização deste pronome, mas o número de ocorrências não é de todo representativo do verdadeiro uso deste pronome nesta zona.

No entanto, numa análise mais detalhada dos resultados, estes revelam outros aspetos mais importantes sobre o emprego de *você* como forma de tratamento e reforçam a hipótese de que o uso explícito deste pronome não é substancial no português europeu: os dados parecem colocar em evidência que a estratégia mais comum de tratamento formal ou semiformal não passa pela opção de *você*. Como o Cordial-Sin é um *corpus* constituído por uma série de extratos de discurso espontâneo e semidirigido, tornou-se necessário compreender em que situações comunicativas usaram os informantes *você*, ou seja, se o usaram para interagir com os entrevistadores. O entrevistador não é uma figura com quem os informantes partilhem uma relação de proximidade, o que facilita estratégias de distância ou de deferência numa situação comunicativa entre entrevistador e entrevistado. Para esta análise, utilizámos apenas os locais que possuem um número de exemplos superior a 20. Seleccionámos, então, as três regiões com um maior número de ocorrências, uma no Centro-Norte e duas na região Centro: Covo (Aveiro), Cabeço de Vide (Portalegre) e Montalvo (Santarém).

Nestes lugares, a maioria de ocorrências do emprego de *você* encontra-se em contextos de discurso relatado, como o exemplificado em (01), e não no contexto de entrevista.

(01) Nós chegamos lá, disse: "Ó patrão, **você** o que é que tem?" (Covo, Aveiro)

Na situação de entrevista, como indicam os resultados, a forma *você* não é a preferida para interpelar o entrevistador. Observe-se a tabela 02 que ilustra os resultados obtidos do uso de *você* para a figura do entrevistador:

Município	Você resultados gerais	Vomecê resultados gerais	Você para o entrevistador	Vomecê para o entrevistador
Covo (Aveiro)	56	0	12 (de 56)	0
Cabeço de Vide (Portalegre)	44	13	5 (de 44)	1 (de 12)
Montalvo (Santarém)	26	0	3 (de 26)	0

Tabela 02. Ocorrências de *você* e *vomecê* para interagir com o entrevistador.

Uma vez recolhidas e descritas as ocorrências do uso explícito de *você* – nas localidades selecionadas –, e tendo observado que o uso expresso de *você* não é muito produtivo num contexto de maior deferência (entre entrevistado e entrevistador), tornou-se relevante perceber que estratégia de cortesia é mais preponderante: se o emprego de formas nominais como *o senhor* ou *a senhora* ou formas de sujeito nulo com a 3sg. Na tabela 03 figuram os resultados encontrados nas entrevistas do Cordial-sin:

Localidade	Formas nominais	Formas verbais de sujeito nulo – 3sg
Covo (Aveiro)	27	164
Cabeço de Vide (Portalegre)	4	30
Montalvo (Santarém)	21	103

Tabela 03. Emprego de formas nominais e de sujeito nulo para interpelar o entrevistador.

Como exhibe a tabela 03, o uso de formas de sujeito nulo, exemplificado em (02), é a estratégia mais produtiva de interação com o entrevistador. A forma nominal mais frequente é *o (a) senhor(a)* (03) mas em Montalvo (Santarém) também encontramos exemplos de *a menina* (04).

(02) **Diga-me.** Aonde? Eu digo-lhe aonde! (Covo, Aveiro)

(03) Posso saber mais do que a do ca si nalgumas coisas, mas há outras em que **o senhor** sabe mais do que eu. (Cabeço de Vide, Portalegre)

(04) Não sei se **a menina** sabe? (Montalvo, Santarém)

5.2 - *Você* em cartas particulares: *Fly - forgotten letters (years-1900-1974)*

Para este trabalho, apenas considerámos uma carta por autor (tornando o conjunto mais homogêneo) e excluímos todas as cartas escritas por emigrantes portugueses no Brasil que tenham estado aí a viver há muito tempo, já que, como é sabido, os usos de *você* em Português Brasileiro são muito diferentes dos usos da variedade

européia. Um autor ou autora que esteja há muito tempo no Brasil poderá ter, naturalmente, muita influência de uma variedade sobre a outra.

Assim, encontrámos apenas 20 exemplos de uso explícito de *você* em 13 documentos. Esta baixa proporção no *corpus* sublinha, novamente, que o emprego deste pronome não é muito produtivo em português europeu. De entre os documentos analisados, 11 foram escritos entre amigos; 1 entre primos e 1 entre irmãos. Todas as cartas foram escritas por homens, exeto uma. Observe-se o quadro 03 que resume estes resultados:

Cartas entre amigos		Género dos autores		Cartas entre familiares		Género dos autores		Total
Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Total	Homens		
11	10	1	2	2			13	

Quadro 03. Relação social entre os participantes.

Além disso, a média de ocorrências de *você* por carta é de 1 como, por exemplo, em (05); apenas dois autores usaram três vezes este pronome, enquanto outro o empregou cinco vezes.

- (05) Agradeço os três documentos sobre a LUAR e penso, como **você**, que ela está arrumada (carta no exílio, entre amigos, Argel, 1973).

Este número tão baixo de ocorrências poderá ser explicado pela natureza do *corpus* – todos os documentos são familiares, ou seja, foram escritos por amigos e membros de família, o que poderá potenciar um uso maior do tratamento íntimo, isto é, de *tu*. Não obstante, este projeto recolheu cartas entre 1900 a 1974, e coligiu 2000 documentos, o que é um número elevado. Mais, foram escritas por pessoas de todas as classes sociais que ostentam distintas posições hierárquicas dentro da família, como pai ou filho. Portanto, considerando o amplo período cronológico, além das vastas diferenças sociais dos participantes e do número total de documentos do *corpus*, seria esperado encontrar uma maior produtividade desta forma de tratamento. Mais uma vez, nesta amostra, a estratégia preferida é a de sujeito nulo de 3sg verbal (06), tendo sido encontradas 56 ocorrências:

- (06) Já **viu** com certeza a fotografia (carta da guerra colonial, entre amigos, do Porto para a Angola, 1970).

A importância social das formas de tratamento

Ainda que uma reflexão mais social sobre as formas de tratamento não seja o foco deste trabalho, pareceu-nos importante mencionar um aspeto relevante com que nos deparámos ao analisar os documentos do *corpus* epistolográfico. Num dos documentos selecionados, a autora questiona sobre se deveria haver uma alteração na maneira como trata o seu amigo, isto é, se passaria de *você* para *tu*. Por outras palavras, se passaria de um tratamento mais diferencial para um tratamento mais íntimo. Não obstante, em todo o documento a autora não utiliza explicitamente *você* mas ativa sempre a forma de sujeito nulo de 3sg – a forma com que a autora se dirige ao seu destinatário. Todavia, a ideia de uma possível transferência para um tratamento mais íntimo, um tratamento por *tu*, deixa-a muito desconfortável:

- (07) 'Quanto ao pedido que me fez realmente tenho levado tempo a pensar e só hoje resolvi dizer-lhe que penso a esse respeito: acha realmente que nos devemos tratar por **tu**? eu não sei bem o que o [N] pensa sobre o tratamento por **tu** entre os jovens, eu por mim julgo que poderíamos continuar conforme estamos (...) pode pensar que estou a ser horrível e mesquinha, mas para mim isto representa imenso, (...)' (carta na guerra colonial, de uma amiga para um amigo do Porto para a Angola, 1970).

Este pequeno excerto é muito importante. Por um lado, representa a perspetiva que uma jovem mulher da sociedade portuguesa dos anos 70 tem sobre o tratamento por *tu*. Visão essa que é, na sociedade atual, praticamente inexistente, uma vez que em contextos de amizade, como é o caso do exemplo (07), o uso do tratamento solidário está totalmente difundido. Por outro lado, acentua a inquestionável relevância social e

cultural que as formas de tratamento possuem para os falantes, ainda que exista uma diferença entre o uso destes itens, que poderá não ser totalmente consciente, e o juízo de valor sobre esses itens. E, são precisamente estas mudanças sociais, as mudanças na avaliação das formas de tratamento e nos usos destas, que alavancam mudanças no sistema tratamento, quer a um nível extralinguístico quer a um nível linguístico.

Em síntese, nos três diferentes *corpora* verificou-se que o uso expresso de *você* – quer em situações de uma maior formalidade, como as entrevistas, quer em situações de menor formalidade, como as cartas privadas – não é muito produtivo. São, acima de tudo, as estratégias de usos de 3sg de sujeito nulo as mais frequentes, confirmando o que fora descrito na literatura.

6. Quão cortês é você?: análise dos dados à luz da(s) perspectiva(s) da cortesia linguística

Como notámos na secção 3, quando uma determinada forma se expande socialmente – e com isso rompendo provavelmente um certo *je ne sais quois* a que alude Watts (2003) – ela pode mudar de valor (tornando-se estigmatizada ou não) ou desaparecer.

O caso do português é paradigmático: o emprego de *vós* (forma V) a todos os espectros sociais, e não apenas à realeza ou nobreza, assim como o seu emprego como forma T no plural, provocou a emergência de novas formas que distinguissem perfeitamente as distintas esferas sociais. Como já anteriormente o descrevemos, expressões como *Vossa Mercê* – a forma original por detrás de *você*, também sofreu o mesmo processo de difusão social: era, originalmente, uma forma de tratamento ao rei (MENON, 2006), que gradualmente se foi generalizando à nobreza e ao clero e, com o tempo, também já circulava na alta burguesia. Por último, universalizou-se e tornou-se na forma não marcada de cortesia. A forma de plural também percorreu o mesmo caminho. O aparecimento de *Vossa Mercê* (e posterior gramaticalização) eliminou o pronome *vós* na variedade padrão. Esta extrema generalização de *você(s)* provocou pela sua vez novas formas V (*o senhor*) que substituísem o valor original de *você*. Este pronome começou a caracterizar-se por ter mais valores T do que V, pelo que *você* chegou a possuir os mesmos usos que *tu* no século XIX. Isto significou que *você* se especializou como forma T que competia com o sempre estável *tu*. A luta entre as duas formas parece ter sido ganha por *tu* no campo da familiaridade, já que *você*, como é descrito na literatura e o observámos aqui, quando utilizado entre iguais é pautado por uma certa deferência; simultaneamente, *você* aparenta ter uma certa dificuldade em especializar-se no tratamento formal. Os dados que analisámos apontam precisamente para o que tem sido avançado na literatura. Assim, de acordo com os dados considerados, *você* aparenta não ser muito produtivo no português europeu e apenas aparece de forma residual em zonas meridionais e, aparentemente, em falantes mais idosos. Esta situação parece contrariar o que afirma Faria (2009, p. 44) - «empiricamente se verifique a proliferação do uso da forma *você*, os critérios que orientam esse mesmo uso por parte dos falantes parecem ainda pouco claros e bastante díspares». Importa, então, sublinhar vários pontos: primeiro, notamos que tal proliferação é «empiricamente» avaliada, ou seja, ainda que de facto os falantes usem *você* como forma de tratamento não é possível determinar qual a sua difusão real na língua, na sociedade portuguesa contemporânea; segundo, a observação de Faria (2009) respeita já ao século XXI e os dados que analisámos situam-se entre o início do século XX e um pouco mais de metade desse século, mais precisamente 1974. Desde então e até à data da monografia de Faria (2009) é muito provável que os usos de *você* tenham aumentado; no entanto, a mesma autora, como já o referimos, sublinha que os critérios que marcam a seleção de *você* são muito instáveis e, acima de tudo, a preferência dos falantes é a de recorrer a outras estratégias. Tal é, novamente, corroborado pelos nossos dados. Se considerarmos os *corpora* estudados, observamos que o FLY (o *corpus* que tem os documentos mais recentes) já fornece poucas ocorrências de *você*. Enquanto o ALPI não dá exemplos de *você* (exceto em Barrancos) nem como forma T nem V, ainda que este atlas linguístico apenas mostre uma resposta por cada frase pré-estabelecida. Por último, no CORDIAL-SIN os (poucos) usos de *você* circunscrevem-se a zonas meridionais, aparentemente como uma forma neutra entre V e T num sistema triádico, que parece atestar-se só em informantes mais velhos e de localidades rurais.

Em termos gerais, podemos observar que os dados aqui apresentados parecem sublinhar o carácter instável deste pronome, quer em relação ao seu uso quer em relação à sua aceitação social e suportam o que é dito na literatura a propósito (FARIA, 2009). E, mais uma vez, sustentam o que é dito por diversos autores – que existem outras estratégias (nominais e verbais) mais adequadas ao tratamento (quer formal ou semiformal). Posto isto, regressemos à pergunta que originou este trabalho, ou seja, pretendemos saber se o pronome *você* é cortês. Cremos que tudo aponta para uma resposta negativa. Mas acima de tudo pretendemos perceber porque é que na sua história (tal como em outras histórias de outras formas de tratamento) este pronome deixou de ser cortês.

Note-se que *você* não parece ajustar-se a nenhuma semântica do tratamento, pois não aparenta conseguir ocupar o lugar deixado pelo desaparecimento de *vós* no paradigma da cortesia nem consegue rivalizar com o afetuoso *tu* (FARIA, 2009). Isto é, *você* aparenta ser um pronome marginalizado no sistema de tratamento em português. Tal não sucedeu, por exemplo com o *você* no Português Brasileiro que tem inequivocamente um lugar no paradigma da solidariedade, da familiaridade (LOPES; CALCAVANTE, 2011; RUMEU, 2012). Como já fora observado, a perda de valor reverencial por parte de um pronome é um comum nas línguas naturais, mas por que tal acontece? A resposta poderá ser encontrada interdisciplinarmente, mas esta não é imediata. No âmbito da linguística, nomeadamente da teoria da cortesia e das formas de tratamento de Brown e Gilman (1960), como já referimos, as formas de tratamento espelham as relações de poder e solidariedade, neste sentido é comum que sejam os pronomes plurais, por veicularem um valor de pluralidade e consequentemente de poder, a preencher a semântica da formalidade (*vós*, *ye*, *sie*, etc). Ainda que a teoria binária de Brown e Gilman (1960) seja indiscutivelmente relevante para os estudos que se debruçam sobre esta matéria, e as formas T e V constituam bússolas para orientar o falante para cada situação, tem sido criticada no sentido de que tal dicotomia entre T e V é algo redutora (cf. FARIA, 2009; COOK, 2014, entre outros). Tal simplificação é notória na muita variação que existe nas formas de tratamento (cf. JUCKER; TAAVINSTAINEN, 2003), e que muitas vezes não consegue dar conta de determinadas especificidades de certas formas de tratamento, como sucede com *você*.

Também Head (1978), entre outros, sustenta a conceção de que são as formas pronominais plurais de terceira pessoa as melhores para o tratamento cortês. Ora, *você* é claramente um pronome singular, logo não seria, à partida, o melhor candidato para contextos mais cerimoniais. Se tivermos em conta a perspectiva de Brown e Levinson (1987), o uso de determinadas formas de tratamento está intimamente relacionado com a preservação da face e por isso serão, novamente, os itens plurais que melhor cumprem a função de respeito, dado que não são marcados, não individualizam o interlocutor. Mas, embora *você* cumpra, em princípio, uma das regras que Siewierska (2004) observa para a *deixis* social – a de que é um pronome abstrato derivado de uma forma nominal que melhor cumpre o tratamento cortês – a existência no paradigma de tratamento de um outro sintagma nominal (*o senhor*) a marcar maior distância relega o pronome *você* para outro nível de formalidade: as formas nominais podem também aludir a uma terceira pessoa, enquanto *você* está especializado para a segunda pessoa e já não conota a distância que a forma nominal original tinha. *Você* é mais individualizador do que *o senhor* e outras formas análogas. Portanto, o emprego de *você* poderá constituir-se como um ato ameaçador da face. Se se tiver em conta a teoria de cortesia veiculada por Watts (2003), do que é determinado por uma dada sociedade num dado momento histórico, poderemos interrogar-nos se o uso de *você* deixou de ser politicamente correto.

Considerações finais

Em síntese, com este trabalho pretendemos descrever e analisar o uso do pronome *você* em português europeu, e tentar compreender se este pronome se ajusta, de facto, ao tratamento cortês ou não, uma vez que, empiricamente, se verifique na sociedade portuguesa alguma dificuldade na aceitação deste item de tratamento. Recorremos a dados do início do século XX até 1974, e que foram extraídos de dois *corpora* de entrevistas dialetais e um *corpus* epistolográfico. Verificámos que o uso deste pronome não demonstra ser muito produtivo em português europeu, o que parece revelar alguma inadequação deste pronome em situações comunicativas mais formais e de maior deferência. Procedemos a uma análise recorrendo à teoria da cortesia linguística, tendo em conta diferentes abordagens, como o sistema binário de Brown e Gilman (1960) ou na teoria da preservação da face de Brown e Levinson (1987).

A multiplicidade de respostas possíveis, que possa dar conta da perda de valor original de formalidade veiculado por *Vossa Mercê*, acentua o carácter complexo deste pronome, e em termos gerais, de todo o sistema de tratamento. Principalmente o sistema português. Acima de tudo, notamos o que Held (2005, p. 151) observou a propósito destes itens linguísticos e dos valores que veiculam: 'several questions have not been solved but rather brought to a head'. São itens complexos não apenas porque são estruturas, por veicularem relações sociais, muito permeáveis à mudança social e consequentemente à mudança pragmática (GOUVEIA, 2005). E, são, enquanto estruturas linguísticas, permeáveis à própria mudança linguística. Tal é notório no processo de gramaticalização que sofreu *você* ou até em determinados fenómenos de concordância, e outros casos de variação. Acima de tudo é importante dar continuidade a este trabalho e consultar *corpora* mais recentes, como *emails* ou *chats*. Será também relevante perceber o que é que a variação, por exemplo de género, (cf. JUCKER; TAAVINSTAINEN, 2003), nos diz sobre o uso de *você*. Será também relevante aprofundar o conceito de neutralidade associado a este

pronome, levantado por Faria (2009), e confrontá-lo com outras noções semântico-pragmáticas, relacionadas com a utilização de *você*, como, por exemplo, a noção de polissemia.

Referências bibliográficas

- BECHARA, E. As fases escritas da língua portuguesa. In: Actes du XVIII^e congrès international de linguistique et de philologie romanes, vol. III. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991. p. 68-76.
- BENIGNI, L.; BATES, E. Interazione sociale e linguaggio: analisi pragmatica dei pronomi allocutivi italiani. In: S. e R. (eds.). *Aspetti sociolinguistici dell'Italia contemporanea*. Roma: Bulzoni, 1977. p. 141-165.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T.A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT, 1960. p. 253-276.
- CARREIRA, M. H. A. Les formes allocutives en portugais européen: évolution, valeurs et fonctionnements discursifs. *Franco-British Studies*, v. 33-34, p. 35-45, 2003.
- CHARTIER, R. La nouvelle histoire culturelle existe-t-elle ? *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n^o 31, p. 13-24, 2003.
- CHÂTELAIN, É. Du pluriel de respect en latin. *Revue de Philologie*, v. 4, p. 129 – 139, 1880.
- CINTRA, L. F. L. *Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1972 / 1986.
- CLYNE, M.; NORRBY, C.; WARREN, J. *Language and Human Relations, styles of Address in Contemporary Language*. New York: Cambridge University Press, 2009.
- COIMBRA, I.; COIMBRA, O. M. *Português sem fronteiras 1*. Lisboa: Lidel, 2013.
- COIMBRA, O. M. *Gramática ativa 1*. Lisboa: Lidel, 2011.
- CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe / The Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*. Disponível em: <<http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/212-cordial-sin-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects>>.
- COOK, M. Beyond T and V – Theoretical reflections on the analysis of forms of address. *American Journal of Linguistics*, v. 3, n^o 1, p. 17-26, 2014.
- CUNHA, C.; CINTRA, L.F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá de Costa, 1992.
- DE JONGE, B.; NIEUWENHUIJSEN, D. Forms of address. In: HUALDE, J.I.; OLARREA, A.; O'ROURKE, E. (Eds.). *The handbook of Hispanic linguistics*. Malden: Blackwell, 2012. p. 247 – 262.
- DIAS, A. C. *Entre nós, método de português para hispanofalantes, níveis A1 / A2*. Lisboa: Lidel, 2011.
- DUARTE, I. M. Formas de tratamento: item gramatical no ensino de Português Língua Materna. In: BRITO, A. M. (Ed.). *Gramática: História, Teoria, Aplicações*. Porto: Fundação da Universidade do Porto, 2010. p. 133-147.
- FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, n^o 13, pp. 51-82, 1996.
- FARIA, R. F. N. *O Fenómeno da Delicadeza Linguística em Português e em Inglês*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Ciências Sociais Humanas, UCP, 2009.
- FERREIRA MONTERO, H. J.; PEREIRA ZAGALO, F. J. *Português para todos 1*. Lisboa: Luso-Espanhola de Edições, 2003.
- Fly – *Forgotten Letters (Years 1900-1974)*. Disponível em: <<http://cards-fly.clul.ul.pt/>>.
- GOUVEIA, C. As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em português europeu. In: DUARTE, I. M.; OLIVEIRA, F. (Eds.). *O fascínio da linguagem*. Porto: FLUP, 2005. p. 91-100.
- HEAD, B. Respect degrees in pronominal reference. In: GREENBERG, J. H. (Ed.). *Universals of human language*. Stanford: Stanford University Press, 1978. p. 151 – 211.
- HEAP, D. *Atlas lingüístico de la Península Ibérica (ALPI)*. Disponível em: <<http://www.westernlinguistics.ca/alpi/>>.
- HELD, G. Politeness in Linguistic Research. In: WATTS, R.; IDE, S.; EHLICH, K. (Eds.). *Politeness in Language*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 71-108.
- HICKEY, R. The German address system: binary and scalar at once. In: TAAVITSAINEN, I.; JUCKER, A.H. (Eds.). *Diachronic perspectives on address term systems, Pragmatics and beyond*, new series, vol. 107. Amsterdão: John Benjamins, 2003. p. 401-425.
- HOWE, S. *The personal pronouns in the Germanic languages: a study of personal pronoun morphology and change in the Germanic languages from the first records to the present day*. Berlin: Walter De Gruyter, 1996.
- JUCKER, A. H.; TAAVITSAINEN, I. *Diachronic perspectives on address term systems*, vol. 107. Amsterdão / Filadelfia: John Benjamins, 2003.
- KOCH, P.; OESTERREICHER, W. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Max Niemeyer, 1990.

- KOCHER, M. Second person pronouns in Serbo-Croatian. *Language*, v. 43, nº 3, p. 725-741, 1967.
- LEMOS, H. *Comunicar em português*. Lisboa / Porto: Lidel, 2000.
- LOPES, C.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*, v. 25, p. 30-65, 2011.
- MENON, O. P. S. A história de você. In: GUEDES, M.; BERLINCK, R. A.; MURAKAWA, C. A. A. (Orgs.). *Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara (São Paulo): Cult. Acadêmica, 2006. p. 99-160.
- OLIVEIRA, C.; COELHO, M. L. *Gramática aplicada do português como língua estrangeira*, nível inicial, elementar A1, A2, B1. Lisboa: Texto Editores, 2007.
- PAULSTON, C. B. Pronouns of address in Swedish: social class semantics and a changing system. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Eds.). *Language in use: Readings in sociolinguistics*. New Jersey: Prentice Hall, 1984. p. 268-291.
- ROSA, L. M. *Vamos lá começar*, nível elementar. Lisboa: Lidel, 2006.
- RUMEU, M. A inserção do você no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexos de uma mudança lingüística socialmente encaixada. *Linguística*, v. 28, p. 147-190, 2012.
- SANCHÍS GUARNER, M. et al. El Atlas lingüístico de la Península Ibérica (ALPI). Trabajos, problemas y métodos. In: *Actas del IX Congreso Internacional de Lingüística Románica*, Universidade de Lisboa (31 de março - 4 de abril de 1959), Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1962. p. 113 - 120.
- SCOLLON, R.; SCOLLON, S. *Intercultural Communication, A Discourse Approach*. Malden: Blackwell, 1995 / 2001.
- SIEWIERSKA, A. *Person*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- TAVARES, A. *Português XXI, nível 1*. Lisboa / Porto: Lidel, 2011.
- TEYSSIER, P. *Manual de Língua Portuguesa (Portugal - Brasil)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.
- VÁZQUEZ CUESTA, P.; LUZ, M. A. M. *Gramática portuguesa*. Madrid: Gredos, 1971.
- WATTS, R. J. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.